

Concepção bakhtiniana de linguagem e de gênero discursivo: uma análise das orientações curriculares de língua portuguesa para o ensino médio¹

Bakhtin's conception of language and of the discursive gender: one analysis of the curricular guidelines of the portuguese language for the high school

Sandra Mara Moraes Lima *

RESUMO: Tendo em vista o texto das Orientações Curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Médio, propostas pelo MEC em 2006, apresentamos a presença e a pertinência de conceitos bakhtinianos presentes no documento e seu desdobramento para a prática do professor. Nessa direção, explicitamos qual a concepção de linguagem adotada, demonstrando haver algumas lacunas no caminho epistemológico apontado. Objetivamos, desse modo, verificar o conceito de gênero que permeia o texto, demonstrando que há imprecisão na abordagem desse conceito, que ora aponta para gêneros discursivos, ora para gêneros textuais. A pesquisa ampara-se fundamentalmente na teoria de Bakhtin e o Círculo e pretende demonstrar que o conceito de gênero concebido pelo Círculo bakhtiniano abarca a essência da língua, a discursividade, considerando primordialmente a construção dos sentidos, tratando-se, dessa maneira, de gênero discursivo, o que vai além do gênero textual. Atestamos que o texto das Orientações Curriculares, ainda que em alguns momentos aponte para o gênero discursivo, traz, predominantemente, a concepção de gênero textual, pois dimensiona as instâncias linguísticas, textual e pragmática, com níveis separados de análise. Intencionamos, assim, demonstrar que as incoerências, no que diz respeito à concepção de linguagem e o conceito de gênero veiculado, trazem pouca contribuição para os professores no sentido de esclarecer acerca de uma metodologia mais significativa e profícua no ensino da língua materna e, ainda, demonstrar como a visão, trazida pelo Círculo de Bakhtin, parece ser mais fecunda no que diz respeito ao ensino de língua materna.

PALAVRAS-CHAVE: Orientações curriculares. Linguagem. Metodologia de ensino de língua.

¹ O texto é resultado de uma pesquisa apresentada na *VI Jornadas de Estudos da Linguagem - UERJ* (2010).

* Mestre em Estudos Literários (UFES) e Doutoranda em Linguística Aplicada (PUC/ SP). E-mail: sandralima605@gmail.com

ABSTRACT: This work evaluates the text of Curricular Guidelines of the Portuguese Language for the Medium Teaching, proposed by MEC in 2006, according to the presence and the pertinence of bakhtinians concepts existing in the text and its extension for the teaching practice. The objective of this analysis is to present which is the language conception used, showing incoherences on the pointed epistemological way. It also objectives to verify the concept of gender that permeates the text showing that there is imprecision in the approach of this concept, which points at one moment towards discursive genders and others to textual genders. The theoretical base for the research is preserved on Bakhtin's and Circle perspective and intends to demonstrate that the concept of gender created by the bakhtinian Circle involves the essence of the language, the discursivity, considering basically the construction of senses, considered in this way as a discursive gender, which goes beyond the textual gender. The text of Curricular Guidelines, although in some moments pointing towards the discursive gender, brings mainly the concept of textual gender because it gives measurements to the language aspects, textual and pragmatic, with separated levels of analysis. The goal, then, is to demonstrate that the incoherencies, regarding language conception and the associated gender concept, bring a small contribution for the teachers in the sense of clarifying about a methodology more significant and profitable for the teaching of the mother language, and also to demonstrate how the vision brought by the Bakhtin's Circle seems to be more fecund regarding the teaching process of the native language teaching.

KEYWORDS: Curricular guidelines. Language. Language teaching methodology.

Considerações iniciais

Procedendo a análise do texto das Orientações Curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Médio, propostas pelo MEC em 2006, no que diz respeito à presença e à pertinência de conceitos bakhtinianos presentes no texto, apresentaremos o documento em linhas gerais, enfocando a concepção de linguagem adotada, demonstrando incoerências no caminho epistemológico apontado. Nessa direção, abordaremos o conceito de gênero que permeia o texto, demonstrando que há uma imprecisão na abordagem desse conceito, que ora aponta para gêneros discursivos, ora para gêneros textuais. A intenção não é depreciar um conceito em relação a outro, mas apenas pontuar que são conceitos diferentes e que, no texto do MEC (BRASIL, 2006), há perspectivas teóricas diferentes, podemos dizer divergentes, na explicitação desses conceitos. Para tal análise, amparamo-nos nos fundamentos bakhtinianos que

categorizam o conceito de gênero discursivo. E, embora consideremos, no que diz respeito ao ensino/aprendizagem de língua materna, que o fundamento bakhtiniano seja mais profícuo, não há intenção de desconsiderar a importância das demais teorias que tratam da questão do gênero, as quais são perfeitamente legítimas, uma vez que nenhuma teoria pode dar conta de um fenômeno em sua multiplicidade. Entretanto, reiteramos que nossa abordagem caminha na perspectiva dos estudos bakhtinianos, que, a nosso ver, a despeito de suas limitações, se propõe a uma visão que toca a essência da linguagem em seus aspectos ontológicos, o que contribui, como veremos mais adiante, para uma metodologia de ensino/aprendizagem de língua com mais possibilidades de construção dos sentidos, pois tenta alcançar o fundamento primordial da linguagem, a interação discursiva.

Assim, apresentamos um resumo breve da proposta curricular do MEC (BRASIL, 2006), comparando com os pressupostos teóricos bakhtinianos, uma vez que a bibliografia desse texto traz esse autor e, em alguns pontos, deixa entrever parte da teoria bakhtiniana. A análise empreendida pretende demonstrar que o conceito de gênero concebido pelo Círculo bakhtiniano abarca a essência da língua, a discursividade, considerando primordialmente a construção dos sentidos, tratando-se, dessa maneira, de gênero discursivo, o que vai além do gênero textual.

O texto das Orientações Curriculares (BRASIL, 2006), embora em alguns momentos aponte para o gênero discursivo, traz, predominantemente, a concepção de gênero textual, uma vez que a proposta dimensiona as instâncias linguísticas, textual e pragmática, com níveis separados de análise. Na perspectiva bakhtiniana, o estudo da língua não prioriza nenhuma instância e a análise deve se efetuar tendo em vista os níveis linguístico-enunciativo-discursivos, os quais comportam de forma indissociável o enunciado concreto. A noção de gênero, em Bakhtin, pressupõe uma arquitetura do enunciado concreto que inclui conteúdo temático, unidade temática, forma composicional, estilo, entonação expressiva, autor, destinatário e aponta, necessariamente,

para uma dimensão extraverbal, que inclui os modos de produção e circulação, os fatores sócio-históricos, bem como os valores constituídos socialmente.

No que diz respeito à concepção de linguagem, ainda que o texto das Orientações apresente conceitos bakhtinianos, ele veicula a concepção de língua enquanto instrumento, propondo uma ação pedagógica que tenha a finalidade de instrumentalizar o educando no intuito de levá-lo a conviver de forma lúdica e, ao mesmo tempo, crítica com situações de produção e leitura de textos como forma de inserção e empoderamento social. Na perspectiva bakhtiniana, porém, a concepção de linguagem proposta pelo Círculo inviabiliza uma visão da língua como instrumento, uma vez que a língua(gem) é constitutiva e, portanto, não pode ser exterior ao sujeito.

Amparados, assim, na teoria do Círculo bakhtiniano, nosso intento é demonstrar que o texto das Orientações Curriculares apresenta incoerências no que diz respeito à concepção de linguagem e o conceito de gênero veiculado, trazendo pouca contribuição para os professores no sentido de apresentar uma metodologia mais significativa e profícua no ensino da língua materna e, ainda, demonstrar como a visão trazida pelo Círculo de Bakhtin parece ser mais fecunda no que diz respeito ao ensino de língua materna.

Em relação à metodologia de ensino de língua materna, parece-nos que a concepção de linguagem e o método adotado para seu estudo, apresentados pelo Círculo, direcionam, do nosso ponto de vista, para uma metodologia de ensino/aprendizagem que seja pautada no que denomina de realidade primordial da língua(gem), a interação discursiva, considerando todas as implicações do enunciado concreto, todo o contexto sócio-histórico-ideológico em que foi engendrado, tendo em vista sujeito e linguagem irrevogavelmente vinculados.

As Orientações Curriculares propostas pelo MEC em 2006

Segundo as consultoras que as elaboraram (BRASIL, 2006), as orientações não são receitas ou soluções a serem seguidas, mas apontam para uma discussão e a defesa de uma concepção de ensino orientadora no que diz

respeito ao objeto de ensino/estudo e às abordagens a serem adotadas nessa empreitada. Sem a pretensão de esgotar a tarefa e o objetivo das ações realizadas na disciplina de Língua Portuguesa, no ensino médio, essa deve propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta.

Nessa proposta, o documento discorre acerca da identidade da disciplina de Língua Portuguesa no âmbito da Universidade no que diz respeito a seu papel ante as demais disciplinas do Ensino Médio, os princípios fundamentais que sustentam a concepção de língua/linguagem e de seu ensino/aprendizagem e os parâmetros orientadores da ação pedagógica que decorrem do ponto de vista adotado.

O caminho epistemológico escolhido para a discussão dá ênfase aos estudos levados a efeito no âmbito da Linguística Aplicada. Nesse contexto, aponta-se a importância de se abordarem as situações de interação considerando-se as formas pelas quais se dão a produção, a recepção e a circulação de sentidos.

Em relação à identidade da disciplina de Língua Portuguesa, o texto faz uma pequena historiografia, abordando o que ocupou os debates sobre ensino de língua nos anos 70 e 80.

Na década de 70, o debate centrou-se em torno dos conteúdos de ensino, levando em conta fatores como classe social, espaço regional, faixa etária, gênero sexual. Esses fatores deveriam ser considerados em relação às situações de uso da língua. Nesse sentido passou-se a considerar a língua como um fenômeno social histórico que varia no espaço e ao longo do tempo e o processo ensino/aprendizagem não poderia furtar-se a considerar esse fenômeno. No entanto, como afirma o texto das Orientações, o objeto de ensino não sofreu grandes modificações. Embora tenha havido uma abertura da escola para outras variedades, não foi adequadamente salientada a importância de se considerar que a variação e a mudança linguísticas são fatos intrínsecos aos processos sociais e que a escola deve atuar mais pontualmente para que os alunos compreendam quando e onde determinados usos têm mais legitimidade.

Depois de alcançada essa consciência, a escola deveria atuar de forma mais adequada e eficaz nas interações sociais sejam elas orais ou escritas. Ou seja, o conhecimento de que a língua é um conjunto de variedades e que não há variedade mais eficiente não pode ser mote para um ensino que aceita tudo e desconsidera os acordos e conflitos sociais no que diz respeito à aceitabilidade de determinados usos em certas situações. Entretanto, nos estágios de estudos, dessa década, o estruturalismo ainda vigorava, valorizando somente os aspectos formais da língua, faltando convicção quanto à importância das questões relativas à variação e às mudanças linguísticas. Os estudos não davam ainda sustentação teórica e metodológica que dessem aos professores caminhos seguros para uma prática de ensino/aprendizagem de língua materna mais coerente e profícua.

Na década posterior, tiveram lugar os estudos que tinham como foco o texto. O texto passa a ser visto como a totalidade que só alcança esse status por um trabalho conjunto de construção dos sentidos. Ganharam força os estudos da linguística textual, a sociolinguística, a análise do discurso. Isso produz mudança de paradigmas e, segundo o texto das Orientações, essa nova perspectiva passa a ser essencial para o amplo desenvolvimento dos estudos dos gêneros no momento atual, embora naquele momento não se compreendessem de forma plena as múltiplas dimensões do processo de produção/recepção dos textos: linguística (aspectos formais), textual (configuração do texto em gêneros discursivos ou sequências textuais), sociopragmática e discursiva (contexto sócio-histórico).

O texto das Orientações Curriculares aponta com precisão o que tem ocorrido em relação à pesquisa acadêmica e à apropriação desses estudos de forma apressada e descontextualizada, promovendo uma metodologia de ensino que continua repetindo um ensino prescritivo, mudando apenas a nomenclatura ensinada:

O risco em relação à apropriação dos estudos que desde então têm sido desenvolvidos é o de que sua abordagem em sala de aula se limite à mera identificação e classificação dos fenômenos lingüísticos num dado texto. Isso porque o que se tem nessa forma de abordagem dos

fenômenos é a duplicação de práticas classificatórias e prescritivas vinculadas às gramáticas pedagógicas tradicionais, adotando-se apenas uma nova nomenclatura, agora vinculada à Lingüística Textual, às Teorias da Enunciação e/ou à Análise do Discurso. (p. 22).

Concepção de língua(gem) e práticas de ensino/aprendizagem

A perspectiva adotada pelo documento é a proposta do que chamam *interacionismo*. A essa “modalidade” afirmam, em nota explicativa (p. 23), referir-se tanto à contribuição de estudos desenvolvidos por essa vertente no escopo da Linguística, os quais envolvem estudiosos como Hymes, na Filosofia da Linguagem, como Bakhtin, na Etnometodologia e Sociologia, como Goffman, na Psicologia, como Bronckart e Schneuwly, e na educação, quanto aos que se encontram no âmbito da Psicologia do Desenvolvimento, como é o caso de Vygotsky e seus seguidores.

Afirmam que esse interacionismo, envolvendo tantos autores, assume alguns princípios comuns no que diz respeito à concepção de homem e linguagem, homem e homem e homem e mundo, tendo como princípio geral de que pela linguagem o homem se constitui sujeito. “Ao estudar o processo de desenvolvimento e o próprio funcionamento da língua e da linguagem, tais estudos consideram as relações entre os processos cognitivos, ou *intrapsicológicos*, e os processos sociais, ou *interpsicológicos*.” (p. 23).

O documento aponta, em alguns momentos, para uma concepção de linguagem compatível com a concepção bakhtiniana, linguagem como elemento constitutivo do sujeito: “[...] é pelas atividades de linguagem que o homem se constitui sujeito, só por intermédio delas é que tem condições de refletir sobre si mesmo.” (p. 24). No entanto ao tratar do gênero, na página 26, analisando um texto humorístico, uma piada, a perspectiva será textual. O gênero é visto como mais um elemento do texto e não como ponto de partida como preconiza Bakhtin que considera toda uma arquitetura envolvendo o gênero como a possibilidade de lançar luz e, ao mesmo tempo, atuar na realidade.

O gênero não é o ponto de partida para o ensino, é mais um elemento dentro da perspectiva textual, embora o termo usado no documento seja de gênero discursivo. Na proposta para a aula de língua materna, afirma que:

A lógica de uma proposta de ensino e de aprendizagem que busque promover letramentos múltiplos pressupõe conceber a leitura e a escrita como ferramentas de empoderamento e inclusão social. Some-se a isso que as práticas de linguagem a serem tomadas no espaço da escola não se restringem à palavra escrita nem se filiam apenas aos padrões socioculturais hegemônicos. Isso significa que o professor deve procurar, também, resgatar do contexto das comunidades em que a escola está inserida as práticas de linguagem e os respectivos textos que melhor representam sua realidade. (p. 28).

Nessa citação podemos observar que o foco é no aspecto textual e não discursivo, uma vez que considera o texto como foco do ensino sem apontar necessariamente para o discurso. Outro agravante desse texto é que, incoerentemente ao que foi ventilado anteriormente acerca da concepção de linguagem como constitutiva do sujeito, traz agora uma definição de leitura e escrita como ferramenta de empoderamento, algo exterior que os indivíduos adquirem instrumentalizando-se. Isso inviabiliza uma visão de linguagem e sujeito irrevogavelmente vinculados como é a concepção bakhtiniana.

Já em outro trecho do documento, afirmam:

Levado a efeito esse raciocínio, cria-se um terreno de trabalho com a língua no qual não cabem atitudes e avaliações que a concebam como algo completamente exterior ao sujeito que a usa, com uma configuração formal estável e fechada, e apartada dele ou de quaisquer outros fatores de ordem sócio-histórica. (p. 30)

Essa parte do texto se contradiz totalmente com a citação da página 24, apresentando a língua(gem) numa perspectiva constitutiva, o que impossibilita tratar leitura e escrita como ferramentas (instrumento) de empoderamento e inclusão social. De acordo com a concepção bakhtiniana, a linguagem não pode ser considerada ferramenta, não é exterior ao sujeito e ainda a linguagem é possibilidade única de socialização. Inclusão social, ao que o texto remete,

portanto, deve ser inclusão econômica, pois estar na linguagem implica estar no social, seja ele qual for.

Para o conceito de gênero o texto das Orientações, embora cite Bakhtin, a perspectiva adotada não é a concepção de gênero discursivo tal como é concebida pelo Círculo bakhtiniano. A noção de gênero em Bakhtin comporta uma arquitetura que inclui conteúdo temático, unidade temática, forma composicional, estilo, entonação expressiva, autor, destinatário e aponta necessariamente para uma dimensão extraverbal na medida em que inclui os modos de produção e circulação, os fatores sócio-históricos bem como os valores constituídos socialmente.

Ao tratar do gênero, no documento, ele é visto como mais um elemento textual e não como ponto de partida como preconiza Bakhtin, considerando toda uma arquitetura que envolve o gênero como a possibilidade de lançar luz e, ao mesmo tempo, atuar na realidade.

Concepções de gênero presentes no documento

O percurso apresentado pelo texto das Orientações Curriculares traz algumas definições de gêneros. I - Como formas pelas quais se dão a produção, a recepção e a circulação dos sentidos: “[...] será apontada a importância de se abordarem as situações de interação considerando-se as formas pelas quais se dão a produção, a recepção e a circulação de sentidos.” (p. 19). II - Como configuração textual:

Pode-se ainda complementar dizendo que, como somos sujeitos cujas experiências se constroem num espaço social e num tempo histórico, as nossas atividades de uso da língua e da linguagem, que assumem propósitos distintos e, conseqüentemente, diferentes configurações, são sempre marcadas pelo contexto social e histórico. (p.24).

III- Como maneira de materializar o texto:

[...] o que se propõe é que, na delimitação dos conteúdos, as escolas procurem organizar suas práticas de ensino por meio de agrupamentos de textos, segundo recortes variados, em razão das demandas locais, fundamentando-se no princípio de que o objeto de ensino privilegiado são os processos de produção de sentido para os textos, como materialidade de gêneros discursivos, à luz das diferentes dimensões pelas quais eles se constituem. (p. 36).

E ainda IV - Como formas de atualização da língua nos eventos de interação:

Na acepção em foco, é pertinente conferir à noção de conteúdo programático um sentido ligado diretamente à idéia de que os conteúdos da área de Língua Portuguesa podem figurar como elementos organizadores de eixos temáticos em torno dos quais serão definidos, pela escola, os projetos de intervenção didática que tomarão como objeto de ensino e de aprendizagem tanto as questões relativas aos usos da língua e suas formas de atualização nos eventos de interação (os gêneros do discurso) como as questões relativas ao trabalho de análise lingüística (os elementos formais da língua) e à análise do funcionamento sociopragmático dos textos (tanto os produzidos pelo aluno como os utilizados em situação de leitura ou práticas afins). (p. 36).

O texto apresenta o termo gênero do discurso, no entanto a abordagem não é discursiva. O gênero não é o ponto de partida para o ensino, é mais um elemento dentro da perspectiva textual. A análise do enunciado concreto, na visão bakhtiniana, não pode fragmentá-lo, para estudar suas partes (crítica de Bakhtin ao Formalismo- Objetivismo abstrato), pois há uma arquitetura de elementos indissociáveis no enunciado/gênero. Na perspectiva bakhtiniana o enunciado concreto/gênero deve ser analisado tomando o aspecto linguístico-enunciativo-discursivo de maneira indissociável.

Para a teoria bakhtiniana o que importará no estudo da linguagem não é o aspecto formal da língua, mas seu caráter interacional enunciativo discursivo, ou seja, a língua para Bakhtin está sempre a serviço de um locutor que a usa numa determinada condição de enunciação em que a palavra, o signo, está de acordo com a situação social estabelecida concretamente. Isso significa que o estudo da linguagem, nessa perspectiva, considera sempre a produção de sentido num dado contexto em que sujeito e linguagem estão irrevogavelmente atrelados. Para Bakhtin (Volochinov) “[...] o locutor serve-se da língua para

suas necessidades enunciativas concretas. [...] Para ele, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto.” (Bakhtin, 1988, p. 92). E afirma ainda que o mesmo processo se dá em relação ao receptor, pois “[...] o essencial na tarefa de descodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular.” (Bakhtin, 1988, p. 93). Assim, reiteramos que nessa ótica, o objeto de pesquisa da linguista não serão as formas da língua, a sua “sinalidade”, mas seu caráter semiótico/ideológico/axiológico em que os sentidos são construídos na interação verbal, processo em que não há como considerar a linguagem fora do sujeito e vice-versa.

Desse modo, para Bakhtin (2010), os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados e possuem infinitas variedades, tanto quanto são inesgotáveis as atividades humanas. Assim a variedade dos gêneros do discurso pressupõe a variedade de escopos intencionais daquele que fala e escreve. O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, necessidades de uma temática, do conjunto constituído de parceiros, etc.

Dessa maneira, não é o texto que se encaixa no gênero, mas o gênero é o ponto de partida, está na base do projeto discursivo.

Qualquer enunciado fatalmente fará parte de um gênero. Mas não de uma forma pura e simplesmente determinista. Se vou me expressar em um determinado gênero, meu enunciado, meu discurso, meu texto será sempre uma resposta ao que veio antes e suscitará respostas futuras, o que estabelece a profunda diferença entre intertextualidade (diálogo entre textos) e interdiscursividade (diálogo entre discursos). (Brait, 2000, p. 19).

Ao tratar a questão do gênero, um dos membros do Circulo, Medvedev afirma que é ideia corrente que o desenvolvimento da consciência do homem se faz através da linguagem, acrescenta então que esse desenvolvimento não se dá apenas com palavras, com os elementos linguísticos, “São as formas do

enunciado e não as formas da língua que desempenham um papel importantíssimo no conhecimento e concepção da realidade.” (1994, p. 213 – tradução nossa). Em outras palavras, pensamos e compreendemos o mundo não em palavras, mas em formas complexas que são os tipos relativamente estáveis de enunciados, os gêneros discursivos. Dessa maneira o enunciado não pode ser compreendido como uma unidade do sistema da língua. Há uma totalidade nele que transcende o linguístico e, portanto, seu sistema engloba, além do sistema sintático, morfológico, semântico e fonológico, os fatores sócio-histórico-ideológicos, bem como o tom volitivo emocional, ou seja, a posição, o lugar de onde o sujeito do discurso fala, caracterizando uma autoria, o que está vinculado necessariamente e irrevogavelmente a todas as demais instâncias.

Assim, considerar o gênero discursivo implica considerar linguagem e sujeito necessariamente vinculados e considerar, ainda, as esferas de atividades em que os gêneros se constroem e atuam de acordo com as condições de produção, circulação e recepção.

Considerações finais

O documento proposto pelo Ministério da Educação, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio de Língua Portuguesa, atesta usar a teoria bakhtiniana, entre outras, no entanto o faz de maneira equivocada, uma vez que diz abordar a corrente interacionista. E embora afirme tomar a linguagem como constitutiva do sujeito, em determinado ponto do texto, apresenta a leitura e escrita como ferramenta de empoderamento. Isso torna o texto bastante incoerente, uma vez que a concepção constitutiva de linguagem não comporta a ideia de língua(gem) como ferramenta a ser dada pela escola.

Em relação ao gênero, o documento usa a expressão gênero discursivo, no entanto a abordagem sobre os gêneros se atém na perspectiva de gêneros textuais. Nas atividades exemplificadas o gênero é considerado como mais um

elemento a ser analisado e não o ponto de partida, não é a perspectiva discursiva bakhtiniana. O documento traz alguns trechos em que se podem perceber conceitos e abordagens de Bakhtin, mas o faz associando com outras teorias, como a linguística textual, a sociopragmática etc. e o que predomina como sugestão de trabalho com a língua é a perspectiva textual e não discursiva.

Cumprasse assinalar que, em relação ao ensino de língua portuguesa no Brasil, não é raro ouvirmos alunos, falantes nativos da língua portuguesa proclamando não saber falar português e que português é uma língua muito difícil. Isso se dá muito provavelmente, entre outros fatores, porque "[...] a compreensão que o indivíduo tem de sua língua não está orientada para a identificação de elementos normativos do discurso, mas para a apreciação de sua nova qualidade contextual." (BAKHTIN, 1988, p. 103). Nessa direção, no que diz respeito ao ensino de língua materna, parece-nos que a concepção de linguagem, bem como o método adotado para seu estudo, apresentados pelo Círculo bakhtiniano, apontam para uma metodologia de ensino/aprendizagem que seja pautada no que denomina de realidade primordial da língua(gem), a interação discursiva, considerando todas as implicações do enunciado concreto, todo o contexto sócio-histórico-ideológico, em que foi engendrado, tendo em vista sujeito e linguagem irrevogavelmente vinculados, o que resulta num ensino/aprendizagem mais profícuo e fecundo, uma vez que não perde de vista a construção dos sentidos e as condições de produção do enunciado concreto que estão necessariamente atrelados à vida.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. (Volochinov) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAJTIN, M.; MEDVEDEV, P. N. *El método formal en los stúdios literários. Introducción crítica a una poética sociológica*. Tradução de Tatiana Bubnova. Madri: Alianza Editorial, 1994 [1928].

BRAIT, Beth. PCNs, gêneros e ensino de língua: Faces discursivas da textualidade. In: ROJO, Roxane (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula*. São Paulo: Educ; Campinas, SP: Mercado das letras, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/SEB, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em maio de 2010.

Enviado em maio de 2011.

Aceito em dezembro de 2011.